

# O SIGNIFICADO DA TERRA: O CASO DOS ASSENTADOS DA REGIÃO DE ANDRADINA-SP

*Antonio Lázaro Sant'Ana<sup>1</sup>*

*Maria Aparecida Anselmo Tarsitano<sup>2</sup>*

*Flaviana Cavalcanti da Silva<sup>3</sup>*

*Valéria da Silva Modenese<sup>4</sup>*

**Resumo:** Este artigo analisa como os produtores assentados interpretam o significado da terra para as suas vidas. Busca-se de forma preliminar, verificar a possível relação desta visão com suas ocupações anteriores e com as estratégias de produção e comercialização desenvolvidas nos lotes. Este trabalho é originado de uma pesquisa mais ampla, que estudou as estratégias de produção e comercialização das famílias de oito assentamentos da região de Andradina, por meio da aplicação de questionários e realização de entrevistas. A análise da visão dos produtores(as) em relação à terra foi baseada nas respostas 50 entrevistados(as) que trataram diretamente esta questão. A principal atividade produtiva dos assentamentos é a pecuária de leite, mas as famílias utilizam outras estratégias importantes, como a comercialização direta ao varejo e/ou ao consumidor e a produção para autoconsumo. A grande maioria das respostas dos assentados sobre o significado da terra mostra que esta teve um papel fundamental em suas vidas. O aspecto mais mencionado foi que a conquista da terra permitiu-lhes deixar a difícil vida de empregado e em seguida de que a terra significou uma melhoria da qualidade de vida, associando-a "ao sossego"; "a um lugar melhor para criar os filhos", "a continuidade do trabalho como agricultor", "liberdade de vida e trabalho", "estabilidade", além da garantia da subsistência da família e à "fartura". Aspectos

---

<sup>1</sup>Prof. Dr., Unesp Ilha Solteira, e-mail: lazaro@agr.feis.unesp.br.

<sup>2</sup>Profa. Dra., Unesp Ilha Solteira, e-mail: maat@agr.feis.unesp.br.

<sup>3</sup>Aluna do curso de Agronomia da Unesp de Ilha Solteira (Bolsista IC Fapesp)  
e-mail: flaviana\_cavalcanti@yahoo.com.

<sup>4</sup>Aluna do curso de Agronomia da Unesp de Ilha Solteira, e-mail: lelamodenese@hotmail.com.

mais subjetivos e emocionais também aparecem nas respostas dos produtores, associando a terra às lembranças da infância e a valores como o amor, a felicidade, a esperança, a paz espiritual, às vezes expressos por meio de imagens poéticas e/ou de caráter religioso. A análise dos tipos de respostas (mais objetivas e racionais ou subjetivas e emocionais) sobre o significado da terra indicou que estas parecem sofrer influência das ocupações anteriores.

**Palavras-Chave:** Significado da Terra; Assentados; Região de Andradina-SP.

***Abstract:** This paper analyzes what the land means to the settled farm-producers as well as their interpretation in light of its value. In a preliminary approach, this study seeks to identify the probable relation of this statement with their previous occupations and the production and commercialization strategies developed on the plots of land. This work is originated from a wider research that investigated the production and commercialization methods used by eight settled families in the region of Andradina, upon the application of questionnaires and the accomplishment through interviews. The analysis of the producers' conception in relation to the land was based on the answers from 50 interviewed people who had straightforwardly dealt with this subject. The main productive activity of the settlements is the dairy cattle breeding, but the families apply additional important strategies as selling their products directly to retail and/or direct-to-consumer, and also using the production for their own consumption. As per their answers to the questions about the meaning of the land, the settled people showed that the land had a fundamental role into their lives. The aspect most mentioned was the conquest of the land which allowed them to leave that hard life when they worked as employee, followed by the answer that the land hugely improved the quality of their lives, linking such assertion with: "tranquility"; "a better place to grow their children up"; "to keep working as agriculturist"; "independence of their lives and autonomy in their day to day work"; "stability"; moreover the guarantee of the family subsistence and "abundance". More subjective and emotional aspects are also identified in their responses, when they associate the land to the childhood memories and values as love, happiness, hope, peace of mind, expressed sometimes through poetical descriptions and/or religious character. The study of the kind of answers (more objective and rational or subjective and emotional) on the subject indicated that the interviewees' previous occupations influenced the responses.*

**Keywords:** *Meaning of the Land; Rural Settled Families; Andradina Region.*

## **Introdução**

A modernização técnico-produtiva do campo brasileiro, intensificada a partir do final dos anos sessenta, como já foi destacado em vários trabalhos (GRAZIANO DA SILVA, 1982; MARTINE, 1989; PALMEIRA, 1989), teve um caráter desigual e excludente, pois beneficiou mais determinadas regiões (Sudeste-Sul) do que outras, alguns tipos de produtores (grandes proprietários) e culturas (de exportação e insumos agroindustriais) e não alterou a estrutura fundiária que historicamente sempre foi muito concentrada. No período recente, embora os índices técnicos da produção tenham evoluído<sup>5</sup>, não houve modificações significativas na estrutura fundiária, mesmo com o aumento do número de assentamentos a partir de meados da década de 90 (LEITE et al., 2004).

Os produtores familiares e trabalhadores sem terras, no entanto, também desenvolveram estratégias que buscaram enfrentar estas restrições e realizar o sonho de acesso a terra, seja por meio dos movimentos sociais engajados na luta pela reforma agrária, seja utilizando estratégias familiares ou ligadas a grupos de parentesco e afinidade, visando a manutenção ou ampliação de suas áreas de trabalho.

Wanderley (1995) divide os produtores rurais em três grupos: o primeiro consiste nos produtores que usam a terra como meio de produção (a relação predominante entre os empresários capitalistas); o segundo grupo compreende aqueles produtores que tratam a terra como patrimônio da família, o objetivo, neste caso, é garantir a reprodução social da família; o terceiro grupo mantém a terra como subsistência da família, ou seja, serve como base para encaminhamento dos filhos para outras atividades (a utilização da terra está centrada nas necessidades imediatas). Esta classificação, embora permita identificar a predominância de determinadas estratégias, não deve ser interpretada de forma rígida, pois muitas vezes estes objetivos se entrecruzam e as estratégias são dinâmicas, são (re) configuradas em função de um campo de forças em que estão envolvidos aspectos internos à família e à propriedade

---

<sup>5</sup>Especialistas consideram que o Brasil apresenta vantagens competitivas, em função da maior produtividade e/ou menores custos de produção, em relação aos países chamados de desenvolvidos, no caso de alguns produtos como a soja, carne de frango, açúcar e suco de laranja.

e fatores ligados ao contexto socioeconômico mais geral.

No caso da quase totalidade dos produtores familiares, a luta pelo o acesso à terra e a manutenção desta é o eixo central das suas estratégias:

[...] os menos dotados de terra e capital também desenvolvem estratégias produtivas que valorizam sua condição de agricultor, cuja identidade profissional pretendem manter. Seus projetos de vida [...] parecem centrados na atividade agrícola e na manutenção do patrimônio familiar [...] (WANDERLEY, 1995, p. 56)

No caso das famílias assentadas, muitas vezes estas passaram por verdadeiras peregrinações de moradia e de trabalho (agrícola e não-agrícola) cada vez mais precários e que culminaram no engajamento à luta pela terra. Este artigo analisa como os produtores assentados da região de Andradina interpretam o significado da conquista da terra para as suas vidas e a possível relação desta visão com as ocupações anteriores que exerciam e com as estratégias de produção e comercialização que estão desenvolvendo nos lotes.

## **Metodologia**

Este trabalho é originado de duas pesquisas, que estudaram as estratégias de produção e comercialização das famílias de oito assentamentos da região de Andradina por meio da aplicação de 169 questionários e realização de 80 entrevistas<sup>6</sup>.

A definição das famílias pesquisadas na primeira fase (aplicação de questionários) baseou-se nos seguintes critérios: a família deveria estar desenvolvendo alguma atividade produtiva; residir há pelo menos três anos na área e não ter irregularidade grave junto ao Incra (abandono do lote ou arrendamento para pessoas externas ao assentamento). Pesquisou-se entre 20 e 30% do total de famílias de cada assentamento, em função da avaliação de que esse percentual seria suficiente para expressar a diversidade existente.

Após tabulação e análise dos dados dos questionários foram escolhidas diferentes experiências em termos de atividades produtivas, formas de

---

<sup>6</sup>Quatro assentamentos (Esmeralda, Orlando Molina, São José II e Timboré) foram investigados em pesquisa que contou com apoio da FAPESP; e os outros quatro (Anhumas, Aroeira, Belo Monte e Rio Paraná) em pesquisa apoiada pelo CNPq.

comercialização e de geração de renda, e entrevistadas (depoimento gravado) 80 famílias dentre os produtores que responderam ao questionário (47,3% do total). O objetivo das entrevistas foi aprofundar a compreensão das estratégias adotadas pelas famílias, no que diz respeito aos sistemas de produção e de comercialização, além de verificar a percepção dos produtores a respeito da terra.

A análise da visão dos produtores em relação à terra, foi baseada nos depoimentos de 50 produtores(as)<sup>7</sup> que trataram diretamente desta questão na entrevista. As informações sobre as ocupações anteriores se basearam em dados do questionário e as estratégias em uma combinação de dados dos questionários e das entrevistas.

## **Características Gerais das Famílias e dos Lotes**

Na região de Andradina (SP), quase todos os assentamentos foram criados após anos de luta das famílias em acampamentos. Este longo período sob as barracas consumiu os poucos recursos de que dispunham e a grande maioria entrou no assentamento sem nenhum recurso ou bens que pudessem ser vendidos e aplicados no lote. Vários assentados destacam que só dispunham da vontade de trabalhar na terra:

Quando a gente veio pra cá, a gente não tinha nada, a gente trabalhava de empregado, era mensal, a gente teve que entrar com a cara e a coragem, né, a gente não tinha bem... veio pra cá tinha três filhos, as crianças pequenas e gente começou sem nada, só com a coragem mesmo (...) O que nós tinha, tinha uma geladeira e uma TV, era o bem que nós tinha aí, o que nós fez, a gente vendeu a geladeira e compramos uma égua e assim foi indo... (EF, Rio Paraná).

Alguns produtores não tinham recursos e nem bens, mas às vezes um dos membros da família estava empregado, o que contribuiu para garantir a manutenção inicial e a realização de pequenos serviços. Produtores que possuíam bens reconhecem que estes foram importantes para iniciar o trabalho no lote e que levaram a uma diferenciação significativa na evolução das famílias:

---

<sup>7</sup>Dentre as 50 entrevistas, sete foram realizadas só com a mulher, três com o casal e as demais (40) foram realizadas com o homem.

Eu tinha um pouquinho de recurso, que eu tinha feito uma reserva, né, eu fiz uma reservinha para poder iniciar quando entrei aqui dentro, começar a preparar a terra, começar a plantar alguma coisa (...) comecei com umas cabeças de criação, já tinha animal, já tinha comprado vaca pra poder tirar leite...

(...) quando você tem o início se torna mais fácil para você gerenciar e tocar os seus projetos... A partir do momento que você não tem nada, como você gera alguma coisa? Você fica parado no tempo, não vai, quando você tem alguma coisa para começar, você sai bem na frente dos demais que ainda vão aguardar recursos do governo federal... (JETS, Assentamento Orlando Molina)

A pesquisa em 169 lotes dos oito assentamentos permitiu levantar as características das famílias assentadas e da produção do lote.

A faixa etária predominante dos responsáveis pelo lote<sup>8</sup> pesquisados é de 40 a 60 anos, encontrando-se neste intervalo 57,5% dos homens e 66% das mulheres. Não há diferenças acentuadas em relação ao grau de escolaridade do casal responsável pelo lote, mas as mulheres estudaram um pouco mais do que os homens. É maior o percentual de mulheres que estudaram além da 4ª série do ensino fundamental (37,4%); enquanto dentre os homens somente 27,5% fizeram o mesmo; mas o percentual de mulheres analfabetas é um pouco maior do que o de homens (10,2% e 8,1% respectivamente). A análise do grau de escolaridade dos filhos(as) maiores de 14 anos (incluindo os casados) que moram no lote, indica modificações importantes de uma geração à outra. Do total de 153 pessoas nesta condição<sup>9</sup> nos oito assentamentos, 70% estão cursando ou concluíram o ensino médio.

Em todos os assentamentos, a grande maioria dos produtores teve algum tipo de experiência de trabalho agrícola antes de entrarem na terra. A análise do tipo de experiência agrícola dos titulares de lote pesquisados permite afirmar que os assentamentos, além dos aspectos produtivos, têm cumprido uma

---

<sup>8</sup>No total são 160 homens e 166 mulheres. A diferença deve-se ao fato de que em alguns casos não há um cônjuge.

<sup>9</sup>No total são 155 filhos que moram no lote, mas em dois casos não há informação sobre a escolaridade.

importante função de inclusão social, pois as ocupações agrícolas anteriores com maior frequência são de trabalhador rural diarista (29,0%) e de empregado rural mensalista (21,9%), a primeira extremamente precária e a última também sujeita à baixa remuneração. Além disso, dentre os 30,8% que exerceram algum tipo de trabalho não-agrícola, a grande maioria era atividade de baixa remuneração e/ou precária, o que reforça essa constatação (SANT´ANA et al., 2007). Já outras ocupações, que em princípio dariam maior autonomia e possibilidade de capacitação gerencial, foram mencionadas com menor frequência, como arrendatário (10,7%); parceiro (9,5%), administrador de fazenda 6,5% e proprietário rural (3,0%).

Em termos de características da produção constatou-se que a pecuária leiteira é a principal atividade presente em todos os assentamentos da região. Dentre os produtores pesquisados, apenas três não possuem bovinos e outros três não criam gado leiteiro.

Todos os assentamentos da região de Andradina, criados até 2002, tiveram um ciclo de plantio de culturas anuais, especialmente o milho, algodão e feijão, semeadas com o intuito de comercializar a maior parte da produção. A área ocupada por essas culturas era muito expressiva, mas regrediu na segunda metade da década de 90, devido às perdas de produção (motivadas por mudanças climáticas, novas pragas e doenças) e à queda de rentabilidade (SANT´ANA et al., 2007).

A exigência de resfriamento do leite logo após a ordenha em princípio foi apontada como um fator de exclusão do pequeno produtor, mas nos assentamentos rurais da região levou a criação de vários grupos informais e depois associações ou cooperativas em torno de tanques de expansão que mantém resfriado o leite até a coleta por parte do caminhão (também refrigerado). Embora tenha sua origem em uma estratégia da agroindústria que exigia o resfriamento do leite e em contrapartida oferecia financiamento para aquisição dos tanques; os assentados ao atuarem de forma organizada conseguiram se beneficiar dos prêmios dados pelo volume de produção<sup>10</sup>.

Dentre as famílias pesquisadas o tamanho do plantel de bovinos variou significativamente, porém um percentual maior de produtores declarou possuir entre 21 e 40 cabeças de animais (44,4%). A média de produção diária de leite também variou bastante dentre as famílias pesquisadas: a faixa de 21 a 40

---

<sup>10</sup>Pois cada cooperativa ou associação é considerada como um único fornecedor. O início desse processo no Assentamento Timboré pode ser visto em Simões (2001) e Sant´Ana et al. (2003).

litros diários é a que abriga o maior percentual (29,2%) de produtores e se somados aos que produzem de 41 a 60 litros são 54,4% do total.

A maior parte dos produtores (44,4%) apresenta produtividade diária média de leite por vaca ordenhada de 4,1 a 6,0 litros (semelhante à média do Estado de São Paulo) e somente 13,8% tem obtido produtividade média por vaca acima 8,0 litros/dia. Por outro lado, um percentual significativo dos produtores (23,2%) apresenta produtividade muito baixa, de até 4,0 litros/dia por vaca.

Em termos de culturas anuais a mais expressiva é o milho, semeado por 102 produtores, em uma área de 310ha; isto ocorre porque esta cultura, devido a sua grande versatilidade, integrou-se ao sistema de produção da pecuária de leite. Em seguida aparece o algodão cultivado por 25 produtores em 120,6ha (safra 2005/06). A mandioca (79,2ha; 81 produtores) presente em todos os assentamentos é cultivada basicamente para autoconsumo, mas em alguns assentamentos também é destinada à comercialização.

O feijão foi semeado por 38 produtores em 63,1ha. Além da variedade tradicional para mesa, o "carioquinha", é cultivado em pequenas áreas o feijão adzuki (utilizado na culinária japonesa) e que é vendido basicamente na Ceagesp, em São Paulo, e o feijão *catador* que é comercializado na forma de vagens verdes, a maior parte diretamente ao consumidor, em feiras e em ranchos de veraneio às margens do Rio Paraná. Outras culturas, como o eucalipto, o quiabo, a manga e o abacaxi, também são plantadas, mas ocupam áreas menores.

A área de 1.293ha de capim *brachiaria* mostra a magnitude que a pecuária (de leite) ganhou nos assentamentos da região. Quando esta área é somada a outras pastagens e forrageiras atinge 1.634hectares. A cana forrageira está presente em 97 lotes e ocupa 104ha, sendo importante para alimentação do gado no período seco.

## **Multiplicidade de Estratégias das Famílias Assentadas**

As famílias pesquisadas desenvolvem várias estratégias para se manter na terra e buscar o seu desenvolvimento socioeconômico. Na pesquisa realizada analisaram-se as estratégias ligadas aos sistemas de produção (produção, produtividade e grau de diversificação) e às formas de comercialização. Considerou-se um lote diversificado aquele que produz três ou mais produtos cujo destino predominante é a comercialização.

Em termos de estratégias de produção, um grupo de produtores têm orientado suas ações, visando o aumento da produção e produtividade da principal atividade desenvolvida nos assentamentos, a pecuária leiteira. São produtores



que têm buscado formar novas gramíneas em piquetes com rotação intensiva e adubação; suplementação com silagem de milho e/ou cana no período seco; utilização de ração concentrada em cocho individual de acordo com a produção de cada vaca, durante todo o período de lactação; uso de reprodutor especializado em leite (ou inseminação artificial) para formação de novas matrizes no próprio lote; e escrituração das atividades (como o controle leiteiro e reprodutivo). São assentados com produção (tanto nas águas, como na seca) e produtividade acima da média do conjunto de produtores pesquisados.

Um segundo grupo de assentados, mesmo apresentando níveis de produtividade da pecuária leiteira abaixo da média, tem conseguido gerar renda, orientando suas ações para uma combinação de estratégias que inclui a diversificação da produção destinada à comercialização e a utilização (regular ou eventual) de canais diferenciados de comercialização, como a venda direta ao consumidor e/ou ao comércio varejista.

Além de situações intermediárias, há um pequeno grupo de produtores que apresenta baixa produtividade da pecuária leiteira, não apresenta diversificação da produção agropecuária comercializada e nem utiliza canais diferenciados de comercialização. Neste caso as rendas não-agrícolas, combinadas com a produção para a subsistência são as principais estratégias empregadas pelas famílias.

## **Significado da Terra para os Assentados**

A quase totalidade das respostas dos assentados sobre o significado da conquista da terra mostra que esta teve um papel fundamental em suas vidas. O aspecto que apareceu com maior frequência (citado por 18 entrevistados dentre o total de 50)<sup>11</sup> nos depoimentos expressa a satisfação de ter deixado a difícil vida de empregado:

Muito bom, nós morava, trabalhava tudo pros outros de empregado de bóia-fria, é vida pra doído, muitas vezes saía às cinco horas da manhã, chegava às nove horas da noite, chegava em casa não dava nem tempo pra descansar, Deus me livre, aqui você está sossegado, você trabalha o dia que quer, dorme a hora que quer, pra comer dá, só não come se for vagabundo.. (JBC, Assentamento Rio Paraná).

---

<sup>11</sup>Trata-se um número significativo, pois a questão foi formulada de maneira aberta.

Não só aqueles que sempre foram assalariados, mas também outros produtores que em algum momento de sua trajetória tinham trabalhado de forma autônoma, como pequeno produtor ou arrendatário, mencionam que a adaptação à vida de empregado, de ser mandado, nunca foi completa. Para explicar isso, um dos entrevistados utiliza a metáfora do ferrão, um instrumento para fustigar o gado e obrigá-lo a atender as ordens do vaqueiro:

Isso daqui pra mim caiu do céu, você veja bem, a pessoa que foi criada sendo ferrão, nunca aceita ser boi, você entendeu o que eu quis dizer? Então eu fui criado na propriedade da gente, toda a vida a gente ter as coisas, eu sai lá do estado da Bahia, vir aqui trabalhar para os outros, isso é a maior doença que podia existir, maior tristeza, eu cheguei enfrentar retiro, retirar sozinho duzentos e cinqüenta litros [de leite]...(...) E hoje graças a Deus eu voltei a ser ferrão não sou mais boi! (PSN, Assentamento São José II).

Quando se verifica a ocupação anterior daqueles que mencionaram que a terra lhes permitiu deixar a vida de empregado, constata-se, como seria esperado, que a maioria era assalariado rural (mensalista ou diarista), mas também outras categorias mencionam este fato, mostrando que a subordinação inclui ocupações não-agrícolas, parceiros e membros não-remunerados da família.

A menção de que a conquista da terra significou "uma vida melhor" (citada por 11 entrevistados) refere-se à melhoria das condições materiais de vida, mas especialmente às mudanças no modo de vida, tanto relacionada à autonomia, de ter deixado a vida de empregado, como de ter conseguido vislumbrar um projeto de futuro ligado a terra:

Significou tudo para mim, foi à coisa mais importante que aconteceu em toda minha vida, eu era bóia fria, essa terra me dá esperança, esperança é coisa que o dinheiro não compra, esperança de uma vida que amanhã eu vou viver melhor, então sempre vai ser uma esperança, uma expectativa, e aconteça o que acontecer, daqui a 100 anos ela [a terra] vai estar aí... (AC, Assentamento Timboré).

A terra enquanto esperança de um futuro melhor, foi um ideal acalentado por muitas famílias e o terceiro aspecto mais citado pelos produtores é justamente essa dimensão de sonho realizado, envolvendo valores como

liberdade, autonomia, felicidade e amor:

Tudo que o homem sonha em ter, eu falo isso me emociono, porque eu trabalhei a vida inteira de empregado e se fosse comprar, eu não conseguiria comprar, eu hoje eu falo para você, ele me deu um cheque, eu olho para cima, será que eu sou o meu patrão? Eu sou meu patrão mesmo! Isso aqui é um sonho, não só de um homem, não, mas meu, da minha mulher e duas filhas, um sonho que vai se realizar, é só nós pagar as contas, eu acho que se existir um cara feliz da vida eu sou... (JBRL, Assentamento Orlando Molina).

A terra sempre foi o meu sonho, continua sendo, mais eu não sei como dizer... eu amo a terra, eu gosto demais, eu gostaria de ter recurso suficiente de fazer desse lote um jardim né (...) eu sou de uma família, que por exemplo meus avós, eu tenho propriedade da família da minha mãe, tá com mais de 100 anos, que vem passando de pai pra neto, eu sou praticamente contrário de vender terra, não sei quem inventou isso, proprietário, só a posse para quem ama a terra, eu tô tentando pelo menos educar esse filho mais novo para que dê continuidade... (JMC, Assentamento Timboré).

Ainda em relação à definição do que poderia ser uma melhor qualidade de vida para os assentados são mencionados alguns aspectos específicos, como o sossego da vida no campo, significando estabilidade, um lugar para viver, após uma longa peregrinação em diversos trabalhos instáveis na cidade:

Pra mim foi bom demais, porque na época não tinha nada, como até hoje não tenho, mais tenho um lugar pra viver .....Eu fugi não tinha nada mesmo era só eu e a mulher, ia pra cidade atrás de serviço, chegava lá arrumava uma casinha, comprava um fogão, cama, essas coisas, chegava um ano acabava o serviço, ai não tinha nem como levar as coisas, já perdia tudo lá...e ia pra outro canto, chegava lá tinha que fazer tudo de novo, ai foi ficando umas três, quatro mudanças pra trás, não conseguia fazer nada, só pra trás, vai pra lá, volta pra trás, um violão na cabeça uma panela dentro do saco, parecia um

filme...depois que vim pra cá pronto, sossegou ai, só aqui acabou, sossegou o ser humano. (VLS, Assentamento Timboré).

O sossego também aparece como o fim da preocupação com a criação dos filhos, tanto do ponto de vista das condições materiais, como no sentido de maior segurança e tranqüilidade, em oposição à violência das cidades grandes, como ilustram os depoimentos a seguir:

Essa terra pra mim é tudo, eu vou falar a verdade, era o meu sonho pegar uma terra dessa, inclusive, eu vou falar, um presente que eu ganhei, porque aqui eu tenho tudo, na cidade ficar trabalhando de empregado, sumindo pro mundo, tá doído, aqui eu vou falar, é pra criar os meus filhos, se fosse na cidade, na cidade é duro monte de filho que outra coisa eu tinha quando nós viemos pra cá, todos eram pequenos e hoje o caçula tem 23 anos, mais aqui pra mim significa tudo essa terrinha, nunca eu ponho na idéia sair daqui, aqui é pra sempre com fé em Deus, eu falo sempre pra ela, quando eu partir, não venda isso daí, isso daí é tudo pra eles, é tudo pra gente. (CPC, Assentamento Rio Paraná).

Pão e mel, leite e mel, a vida, isso daí é importante, eu sai de um lugar onde já estava havendo bastante briga de favela, gangues, estava difícil para criar os filhos, e aqui é paz, você vê que aqui não tem muro, não tem cerca, você entra e sai, você dorme com a casa aberta, é uma paz total, é uma conquista espiritual também, você vive, lá você tendo dinheiro, você vegeta, aqui sem dinheiro você vive! (MRS, Assentamento Timboré).

Neste último depoimento, chama a atenção além do conteúdo poético, a relação entre a vinda para o assentamento e a conquista da terra prometida, numa clara alusão bíblica, a terra de Canaã onde jorra o leite e o mel (ÊXODO 3:8)<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup>Agradeço à profa. Dulce C. A. Whitaker pela sugestão de incluir esta menção bíblica, que havia sido percebida, mas não destacada no texto apresentado no III Simpósio sobre Reforma Agrária e Assentamentos Rurais.

Quando analisados o conjunto destes depoimentos, observa-se que todos enfatizam a importância da terra em seus projetos de vida, mas há diferenças na forma como se articulam e se entrecruzam os aspectos mais objetivos e racionais das vantagens que a conquista da terra lhes trouxe; e os aspectos mais subjetivos e emocionais para descrever as mudanças ocorridas. No primeiro caso (56% do total dos depoimentos) a realização do sonho e/ou a melhor qualidade de vida é predominantemente descrita em termos de evolução econômica, de ter garantido a subsistência de toda família (o que na cidade não seria possível no caso de filhos numerosos), de ter fartura na mesa, de trabalhar menos ou de ter controle de seu processo de trabalho, estar menos sujeito à violência urbana. No segundo caso (44% do total) a terra significou realizar o desejo de retorno às lembranças agradáveis da infância, a satisfação de continuar/retomar a vida de agricultor e aos valores associados a este trabalho, como o amor a terra, a felicidade, a esperança, a paz espiritual, expressos por meio de imagens poéticas e/ou de caráter religioso.

A comparação entre o tipo de ocupação anterior e a percepção em relação ao significado da terra mostrou que dentre ex-arrendatários, ex-parceiros e ex-membros não remunerados da família (filhos de produtores), os depoimentos baseados em aspectos objetivos de melhoria da qualidade de vida foram predominantes (75% do total destas categorias). Dentre os ex-trabalhadores rurais (mensalistas e diaristas) e dentre aqueles que trabalhavam em atividades não-agrícolas há uma ligeira vantagem dos depoimentos em que prevalecem elementos subjetivos e emocionais (53% do total destas categorias).

Já quando se comparam as estratégias produtivas e de comercialização dos assentados e o tipo de percepção em relação ao significado da terra, não foi possível estabelecer claramente um padrão diferenciado entre os produtores que têm buscado aumentar a produção e a produtividade (especialmente da pecuária leiteira) e aqueles que têm priorizado a diversificação da produção e a inserção em canais diferenciados de comercialização. Entretanto, o sub-grupo de produtores que diversifica a renda e utiliza, de forma regular, canais diferenciados de comercialização (venda direta ao consumidor, por exemplo) foi o único em que predominou uma interpretação mais subjetiva e emocional do significado da terra (64,3%), enquanto o percentual foi aproximadamente o inverso (com predomínio de respostas mais objetivas e racionais) dentre os demais produtores que diversificam, mas utilizam canais diferenciados eventualmente ou não os utiliza, e dentre aqueles que estão investindo no aumento da produção e produtividade. Este fato ocorre possivelmente porque predomina dentre os integrantes deste grupo, ligado à comercialização

diferenciada, ex-assalariados rurais ou urbanos que viviam em condições muito precárias e para os quais a conquista da terra era um sonho quase impossível e, ao mesmo tempo, a melhoria econômica é tão óbvia que nem consideram necessárias destacá-las.

Em princípio esperava-se que as estratégias de diversificação da produção e comercialização pudessem estar mais associadas ao desejo de maior autonomia, enquanto aqueles que priorizavam a eficiência produtiva poderiam estar dispostos a sacrificar em parte esta liberdade em função de uma renda mais estável. É provável que isto não se verifique, pois o controle dos processos produtivos por parte das agroindústrias da cadeia dos lácteos ainda não é muito intenso<sup>13</sup> e os produtores que optam por investir na pecuária leiteira, embora reconheçam que o preço é ditado pelas grandes agroindústrias, não vêem esta atividade como uma ameaça à sua autonomia (que evidentemente é sempre relativa). Alguns produtores também combinam estratégias: diversificam e, ao mesmo tempo, também estão investindo na melhoria da alimentação e do padrão genético do rebanho.

## **Considerações Finais**

A grande maioria das respostas dos assentados sobre o significado da terra mostra que esta teve um papel fundamental em suas vidas. Pode-se verificar esse fato ao observar as afirmações de que a terra significou "tudo", "um sonho realizado", "uma vitória", "caiu do céu", ou quando se mostraram visivelmente emocionados (alguns choraram ao responder) ou ainda ao fazerem associações poéticas admiráveis.

Em termos objetivos o aspecto mais mencionado pelos entrevistados foi que a conquista da terra permitiu-lhes deixar a difícil vida de empregado, de trabalhar comandado pelo patrão. Em seguida aparecem as respostas de que a terra significou uma melhoria de vida, sendo que vários produtores mencionaram aspectos específicos do que poderia ser essa melhor qualidade de vida: "o sossego"; "um lugar melhor para criar os filhos", "a continuidade do trabalho como agricultor", "liberdade de vida e trabalho", "estabilidade", além de questões como a possibilidade garantir subsistência da família e ter "fatura". As respostas sobre o significado da terra mostram que estas são influenciadas

---

<sup>13</sup>Deverá aumentar quando as exigências da Instrução Normativa 51/2002, que estabelece padrões de qualidade para o leite, estiver plenamente em vigor.

pelas ocupações anteriores exercidas pelos assentados, mas em relação às estratégias produtivas e de comercialização utilizadas pelos assentados não foi possível diferenciar um determinado tipo de resposta em função destas estratégias.

Quando analisados o conjunto destes depoimentos, constata-se que se articulam e se entrecruzam os aspectos mais objetivos das vantagens que a conquista da terra lhes trouxe e aspectos mais subjetivos e emocionais, como o prazer, a felicidade e a paz espiritual de estar junto à terra que amam e a esperança que a terra lhes proporcionou.

Cabe destacar que mesmo os produtores que apresentam críticas aos preços agrícolas, à assistência técnica, ao crédito rural ou a qualquer outro aspecto de sua atividade, todos, sem exceção, revelam uma avaliação positiva em relação ao significado que a conquista da terra teve para suas vidas.

## Referências

GRAZIANO DA SILVA, J. **A Modernização Dolorosa**. Estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. 192p.

LEITE, S. et al. **Impactos dos Assentamentos**: um estudo sobre o meio rural brasileiro. Brasília: IICA/NEAD; São Paulo: Ed. Unesp, 2004. 392p.

MARTINE, G. **Fases e Faces da Modernização Agrícola Brasileira**. Brasília: IPLAN, jul/1989. 72p.

PALMEIRA, M. Modernização, Estado e questão agrária. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.3, n.7, p.87-108, 1989.

SANT'ANA A.L., SIMÕES, A.C., TARSITANO, M.A.A.; COSTA, S.M.A.L. Estratégias de comercialização e geração de renda em dois Assentamentos da região de Andradina. In: BERGAMASCO, S.M.P.P;

AUBRÉE, M.; FERRANTE, V.L.S.B. **Dinâmicas Familiar, Produtiva e Cultural nos Assentamentos Rurais de São Paulo**. Campinas: Feagri/Unicamp; Araraquara: Uniara; São Paulo: Incra, 2003, p.241-273.

SANT'ANA, A.L. et al. Estratégias de Produção e Comercialização dos Assentados da Região de Andradina, Estado de São Paulo. **Informações**

**Econômicas**, São Paulo, v.37, n.5, p.29-41, maio 2007.

SIMÕES, A.C. **Assentamentos Rurais e Estratégias de Comercialização**: o Projeto Timboré (SP). Ilha Solteira. 2001, 80f. Monografia (Graduação em Agronomia). Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira, Universidade Estadual Paulista, 2001.

WANDERLEY, M.N.B. A agricultura familiar no Brasil: um espaço em construção. **Reforma Agrária**, Campinas, v.25, n.2/3, p.37-57, 1995.